

1298

# O TEORICO

RUBEM BRAGA

Meu amigo dizia:  
"Afinal a razão estava mesmo com aquele senhor tenebroso, que sete vezes amou para sete

vezes matar. Não que tivesse razão em matar, mas em amar sete vezes. Estou convencido — e a humanidade também o está, sem o dizer — que é realmente impossível amar menos de sete vezes na vida.

Na vida — ou talvez na semana, e cada vez amar de um amor diferente. Cada dia traz o seu desejo e a sua necessidade. Transferir esse desejo para o dia seguinte, ou emendá-lo com o da vespera, não parece boa política. O melhor é — com a folhinha diante dos olhos — fazer com que o amor de segunda-feira seja diferente do de domingo.

Que necessidade há em mentir? Ninguém repete um sorvete de morango, e o rei do Sião morre apenas uma vez. De resto, a semana é tão comprida, e a vida tão curta. Há pessoas que, chegando à quinta-feira, já não se lembram do que fizeram na segunda, e olham para o domingo como para a Asia longinqua. Outras, quando se despedem, dizem "até amanhã" como se embarcassem para Singapura.

E depois os sete dias da semana são tão distintos uns dos outros. Mulheres há que talvez não convenham à calma bonacheirona dos domingos, feita para as pessoas gordas. São nervosas, finas, rápidas: precisamente mulheres próprias para as quartas-feiras. Outras, diretas e exatas,

são ótimas para começar a semana, uma semana de trabalho e de lutas: mulheres das segundas-feiras.

Há também (e é este o ponto difícil dessa divisão sentimental da semana) as mulheres das sextas-feiras. São mulheres fatais ou cacetes. Vestem-se de marrom e usam perfume comprado na Argentina.

Pensando melhor, eu proporia seis mulheres, não sete, para a semana; e em vez de descansarmos no domingo, descansariamos na sexta, com leituras edificantes e um aviso na porta: "Fechado para balanço".

Abil 1952